

ISSN 2595-2633

RESUMOS EXPANDIDOS

ANAIS ELETRÔNICOS de Iniciação Científica

Seminário

#NEPI #Biblioteca #FAPEMIG #Enfermagem



Documentação do Processo de Enfermagem em uma instituição filantrópica do Sul de Minas Gerais*

Letícia Waldomiro Nogueira

Bolsista PIBIC/FAPEMIG. Acadêmica do Curso de Enfermagem. Faculdade Wenceslau Braz. Itajubá, MG, Brasil. Autora correspondente: leticia.lele2912@gmail.com

Cristiane Giffoni Braga

Orientadora. Professora Doutora. Faculdade Wenceslau Braz. Itajubá, MG, Brasil.

Introdução: O Processo de Enfermagem (PE) sistematiza o raciocínio clínico e a tomada de decisão diagnóstica sobre as respostas do paciente aos problemas e processos de vida. É um instrumento metodológico para o planejamento da assistência e documentação do cuidado. **Objetivo:** Compreender a percepção da(o) enfermeira(o) acerca da documentação do Processo de Enfermagem em uma instituição filantrópica de saúde; Específicos: Caracterizar o perfil sociodemográfico e profissiográfico dos enfermeiros da instituição filantrópica de saúde que operacionalizam o PE; Identificar se faz o PE e qual (is) etapas do PE são documentadas pelos enfermeiros; Identificar qual arcabouço teórico sustenta o PE; Descrever os fatores que os enfermeiros identificam que desafiam e/ou contribuem na operacionalização e documentação do PE; Identificar o interesse do enfermeiro em se qualificar acerca do Processo de Enfermagem. **Método:** Estudo de abordagem quantitativa e qualitativa, exploratória, descritiva e transversal, aprovado pelo CEP com Parecer Consubstanciado nº 6.066.727. Amostra constituída por 25 enfermeiros, tendo como critérios de inclusão: possuir curso de graduação em enfermagem, com registro profissional ativo no Conselho Regional de Enfermagem e atuar como enfermeiro assistencial ou gerencial na instituição filantrópica de saúde de Itajubá. A coleta de dados foi norteada por um roteiro de entrevista e um questionário sociodemográfico e profissiográfico, semiestruturado. Os dados coletados foram transcritos e analisados à luz de Bardin. **Resultados:** Quanto às características sociodemográficas, 96% dos participantes eram do sexo feminino, com a média de idade de 30,56 anos, sendo 56% casados. Quanto às características profissionais, verificou-se que quanto ao tempo de formação dos enfermeiros, obteve-se uma média de 7 anos e 8 meses. Entre os entrevistados, 13 (52%) possuem, como maior nível de formação a especialização, na área de Unidade de Terapia Intensiva são (31%) e (24%) estão atuando em sua maioria na Enfermaria. As fases do PE mais frequentes operacionalizadas e documentadas pelos enfermeiros foram Evolução de Enfermagem (6%), Diagnóstico de Enfermagem (5,6%), Coleta de dados (5,6%) e Prescrição de Enfermagem (4,8%). No tocante ao arcabouço teórico que sustenta o PE na instituição, a teoria da Wanda de Aguiar Horta foi a mais mencionada. No que diz respeito aos fatores que desafiam o enfermeiro na

* Trabalho apresentado no Seminário de Iniciação Científica e Tecnológica, XIII., 2023, Itajubá.

operacionalização e documentação do PE, destacaram-se a falta de tempo; o distanciamento dos referenciais teóricos aprendidos na graduação em enfermagem; ausência de educação permanente e dificuldade em manusear as terminologias padronizadas, na prática. Quanto aos fatores que contribuem para a operacionalização e documentação do PE, o prontuário eletrônico foi o que os enfermeiros mais consideraram. **Discussão:** Em relação às características sociodemográficas da amostra, esta foi na sua maioria (96%), do sexo feminino, com a média de idade de 30,56 anos, sendo 56% dos participantes casados e 44% solteiros, espelhando a realidade portuguesa (Ordem dos Enfermeiros, 2021). A literatura evidencia também que a prevalência do sexo feminino dos participantes é respaldada pelo fato de 90% da força de trabalho de Enfermagem ainda ser de mulheres (World Health Organization, 2020). Quanto às características profissionais, verificou-se que quanto ao tempo de formação dos enfermeiros, obteve-se uma média de 7 anos e 8 meses. De modo semelhante, um estudo, que teve por objetivo verificar a relação entre as características sociodemográficas e profissiográficas aos comportamentos assertivos dos enfermeiros, evidenciou uma média de 8 anos quanto ao tempo de formação dos enfermeiros (Machado; Almeida; Tavares, 2023). No que se refere ao maior nível de formação dos participantes do estudo, 13 (52%), tinham como maior nível a especialização, sendo 31% na área de Unidade de Terapia Intensiva. Achado que corrobora com estudos que constatarem a maioria dos participantes como especialistas em Unidade de Terapia Intensiva (Almeida *et al.*, 2021). No que se refere ao setor de atuação, 24% dos participantes atuam na Enfermaria, 20% na Unidade de Terapia Intensiva, 12% no Centro Cirúrgico, 12% no Pronto Atendimento, 8% na gestão, 8% na maternidade, e, com 4% das respostas respectivamente, Central de Material e Esterilização, endoscopia, Comissão de Controle de Infecção Hospitalar e enfermeiro da qualidade. Fato que difere de um estudo de Vieira *et al.* (2021), que identificou que a Emergência e o Serviço de Pronto Atendimento apresentaram a maior concentração de profissionais, com 18 (26,5 %) e 12 (17,6 %) enfermeiros, respectivamente. Resultados apresentaram que os enfermeiros encontram-se distantes de seu instrumento metodológico que é o PE, devendo operacionalizar e documentá-lo mais na sua prática clínica. Além disso, foi evidenciado que as etapas mais documentadas pelos participantes do estudo são: Evolução de Enfermagem (6%), Diagnóstico de Enfermagem (5,6%), Coleta de dados (5,6%) e Prescrição de Enfermagem (4,8%). Cumpre assinalar, pelas falas dos participantes, que não há uma uniformidade no pensamento crítico e quem dirá acontecer um raciocínio clínico, frente aos dados coletados, aos diagnósticos elencados, prescrição e evolução. De forma que o enfermeiro que coleta não dá continuidade aos dados clínicos do paciente, gerando uma lacuna na segurança e na qualidade do cuidado de enfermagem. Maurício *et al.* (2022), em um estudo multicêntrico realizado em três centros, dois no Brasil e um nos Estados Unidos, demonstrou que o raciocínio clínico é uma competência essencial para a prática profissional dos enfermeiros, sendo desenvolvida através da utilização das cinco fases inter-relacionadas do PE. No Brasil, um estudo em 416 setores de 40 hospitais e ambulatorios do estado de São Paulo, que teve por objetivo identificar a prevalência da documentação do PE, demonstrou que, em 89,9% dos setores, os enfermeiros documentam apenas uma fase do PE, e em 5,8%, não fazem nenhuma documentação, nem mesmo as anotações de enfermagem (Azevedo *et al.*, 2019). Nunes *et al.* (2019), destacam ainda que o ambiente hospitalar é o local com mais dificuldade da implantação da PE, devido à verticalização entre o serviço e a academia, em conjunto à ausência de um programa de educação permanente que realize treinamentos e atualizações constantes sobre o tema. Sendo assim, desenvolver ações de educação permanente, voltadas para a capacitação da equipe de enfermagem, quanto ao desenvolvimento do PE em seus respectivos setores de atuação, é uma estratégia indispensável para aumentar o conhecimento e adesão desses profissionais (Matzembacher *et al.*, 2023). Embora as dificuldades da operacionalização e documentação do PE apresentadas pelos enfermeiros em sua prática clínica, os mesmos reconheceram os benefícios decorrentes da sua utilização, tanto para os pacientes como para os profissionais e instituições de saúde, como a documentação, organização e segurança; respaldo; possibilidade da sequência do cuidado; qualidade da assistência e cuidado centrado no paciente. Achados corroboram com o estudo de Santos *et al.* (2023), em que os enfermeiros perceberam o valor intrínseco do PE, na medida em que consideram que sua implementação pode oportunizar a otimização do tempo e do processo de trabalho, melhor satisfação dos

pacientes e profissionais com o cuidado prestado, registros mais fidedignos, e maior qualidade e segurança na assistência. Outra evidência demonstra que a implantação do PE impacta diretamente no processo de trabalho da Enfermagem, como: satisfação profissional, melhoria na documentação, organização e segurança. Além disso, o PE atua como norteador das atividades, proporcionando respaldo ao enfermeiro, gerando também um maior contato com o paciente e maior resolutividade (Matzembacher *et al.*, 2023). Com relação ao prontuário eletrônico, os enfermeiros consideram que seu uso facilita o acesso e execução do PE; gera segurança; praticidade; respaldo e valorização profissional. Corroborando com os achados desse estudo, a literatura demonstra que o registro do PE no prontuário eletrônico permite a continuidade da assistência, fornece parâmetros para a avaliação durante todo o período de internação, além de garantir respaldo legal aos profissionais de enfermagem e reconhecimento da sua prática profissional, uma vez que comprova a sua realização ou execução (Cordeiro *et al.*, 2019). Ainda, Ramukumba e Amouri (2019), destacam que o prontuário eletrônico possibilita a segurança do paciente, gerando praticidade na documentação e a redução da taxa de erros. Em contrapartida, pode-se inferir pela fala dos participantes, uma série de problemas para documentar o PE no prontuário eletrônico, como perda de informações; falta de tempo; sobrecarga; dificuldade de manusear as terminologias padronizadas; falta de capacitação; rotatividade de equipe, dificuldade de documentar e prontuário eletrônico limitado. Tais resultados também são obstáculos para a operacionalização e documentação do PE no prontuário eletrônico apontados por enfermeiros em investigações nacionais e internacionais (Matzembacher *et al.*, 2023). Pinto, Oliveira e Barreto (2021), demonstram que a maior parte das dificuldades apontadas na literatura, quanto ao registro do PE no prontuário eletrônico, envolvem questões operacionais, como falta de pessoal e preparo da equipe, sobrecarga de trabalho, modelo tarefairo de divisão de trabalho e alta rotatividade dos enfermeiros. Silva *et al.* (2021), evidenciaram que, dentre as principais vulnerabilidades para a implementação, está a falta de tempo, o grande número de pacientes atendidos, excesso de atribuições do enfermeiro, a falta de conhecimento e habilidade para manipular as taxonomias devido a lacunas na formação acadêmica e rotina acelerada do serviço, são fatores que influenciam na ausência da documentação do PE no prontuário eletrônico. Por fim, os participantes, quando questionados sobre as teorias de enfermagem que sustentam o PE em sua prática clínica, demonstraram um distanciamento entre os referenciais teóricos aprendidos na academia e sua aplicação/conexão como base que sustenta o PE. Fato corroborado por estudo de Cavalcante (2021), que obteve achados semelhantes. A teoria da Wanda de Aguiar Horta foi a mais mencionada, sendo citada também a Teoria do autocuidado, teoria das relações interpessoais; Teoria do cuidado humano de Jean Watson e Teoria das relações interpessoais em enfermagem de Hildegard Peplau. Destaca-se ainda que três enfermeiros afirmaram utilizar uma mistura de teorias, e um enfermeiro não soube responder. Em consonância, Alves *et al.* (2021), demonstrou em seu estudo bibliométrico que as teorias de enfermagem mais utilizadas são: Teoria do Cuidado Transcultural de Madelaine Leininger, seguida da Teoria das Necessidades Humanas Básicas de Wanda Horta. Nesta perspectiva, uma pesquisa qualitativa, realizada com o objetivo de analisar a percepção de pós-graduandos acerca das teorias de enfermagem na formação e na prática profissional, identificou que há carência do seu ensino durante a graduação, necessitando de inserção nos currículos dos cursos. Da mesma forma, sua retomada na pós-graduação foi vista como oportuna, já que o conhecimento a respeito das teorias permite ao profissional ver sua essência, fortalecer a prática cientificamente e reconhecê-las como norteadoras do trabalho (Merino, 2018). **Conclusão:** Quanto às características sociodemográficas, 96% dos participantes eram do sexo feminino, com a média de idade de 30,56 anos, sendo 56% casados. Quanto às características profissionais, verificou-se que quanto ao tempo de formação dos enfermeiros, obteve-se uma média de 7 anos e 8 meses, tendo 13 participantes (52%), como maior nível de formação a especialização na área de Unidade de Terapia Intensiva (31%), atuando em sua maioria na Enfermaria (24%). As fases do PE mais frequentes operacionalizadas e documentadas pelos enfermeiros foram Evolução de Enfermagem (6%), Diagnóstico de Enfermagem (5,6%), Coleta de dados (5,6%) e Prescrição de Enfermagem (4,8%). Cumpre assinalar que 1,2% da amostra não documenta nenhuma etapa do PE. No tocante ao arcabouço teórico que sustenta o PE na instituição, a teoria de Wanda de Aguiar Horta foi a mais mencionada, sendo também citadas a Teoria do

autocuidado, Teoria das relações interpessoais; Teoria do cuidado humano de Jean Watson e Teoria das relações interpessoais em enfermagem de Hildegard Peplau. No que diz respeito aos fatores que desafiam o enfermeiro na operacionalização e documentação do PE, destacaram-se a falta de tempo; o distanciamento dos referenciais teóricos aprendidos na graduação em enfermagem; ausência de educação permanente e dificuldade em manusear as terminologias padronizadas na prática. Quanto aos fatores que contribuem para a operacionalização e documentação do PE, o prontuário eletrônico foi o que os enfermeiros mais consideraram. No que se refere ao interesse em se capacitar em PE, 100% dos enfermeiros manifestaram aderência. Pontua-se como limitação deste estudo a coleta de dados, pois as entrevistas foram realizadas no local de trabalho e durante intervalo da jornada laboral dos participantes, o que fez com que alguns estivessem preocupados com o retorno às atividades. Entretanto, essa forma de abordagem facilitou o acesso aos enfermeiros. Se faz necessária a conscientização de gestores das instituições de saúde acerca da importância da implementação do Processo de Enfermagem, com indicadores assistenciais, auditoria interna e atividades de educação permanente para aumentar a segurança do paciente e qualidade dos serviços da Enfermagem. Espera-se que esta pesquisa possa contribuir para fomentar o debate acerca da implementação do Processo de Enfermagem nas Instituições de saúde, além de alavancar novos estudos sobre o tema.

Palavras-chave: enfermagem; registros de enfermagem; processo de enfermagem.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, E. W. S. de *et al.* Mapping of advanced practice nursing actions in the Family Health Strategy. **Revista Brasileira de Enfermagem**, Brasília, DF, v. 74, n. 6, p. 1-7, 2021. Suplemento. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0034-7167-2021-0228>. Acesso em: 10 ago. 2023.
- ALVES, H. L. C. *et al.* Uso das teorias de enfermagem nas teses brasileiras: estudo bibliométrico. **Cogitare Enfermagem**, Curitiba, v. 26, p. 1-11, 2021. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.5380/ce.v26i0.71743>. Acesso em: 20 set. 2023.
- AZEVEDO, O. A. de *et al.* Documentação do processo de enfermagem em instituições públicas de saúde. **Revista da Escola de Enfermagem da USP**, São Paulo, v. 53, p. 1-8, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1980-220X2018003703471>. Acesso em: 1 fev. 2023.
- CAVALCANTE, F. M. L. *et al.* Teorias de enfermagem utilizadas nos cuidados a hipertensos. **Enfermagem em Foco**, Brasília, DF, v. 12, n. 2, p. 400-406, 2021. Disponível em: <http://revista.cofen.gov.br/index.php/enfermagem/article/view/3392/1149>. Acesso em: 12 jul. 2023.
- CORDEIRO, T. L. R. *et al.* Prontuário eletrônico como ferramenta para a sistematização da assistência de enfermagem no serviço de urgência/emergência: percepção dos enfermeiros. **Espaço para a Saúde**, Curitiba, v. 20, n. 2, p. 30-41, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.22421/15177130-2019v20n2p30>. Acesso em: 11 jul. 2023.
- MACHADO, D.; ALMEIDA, A.; TAVARES, J. Relação entre características sociodemográficas e profissionais e comportamentos assertivos dos enfermeiros. **Revista de Investigação & Inovação em Saúde**, [s. l.], v. 5, n. 2, p. 47-58, 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.37914/riis.v5i2.236>. Acesso em: 10 ago. 2023.
- MATZEMBACHER, E. P. *et al.* Nurses' perceptions about the operationalization of the nursing process in an emergency room. **Revista de Pesquisa Cuidado é Fundamental Online**, Rio de Janeiro, v. 15, p. 1-7, 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.9789/2175-5361.rpco.v15.11933>. Acesso em: 8 jul. 2023.

MAURÍCIO, A. B. *et al.* Efeito de guia para raciocínio clínico na acurácia diagnóstica de estudantes de enfermagem: ensaio clínico. **Revista Latino-Americana de Enfermagem**, Ribeirão Preto, v. 30, p. 1-12, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1518-8345.5452.3515>. Acesso em: 10 jul. 2023.

MERINO, M. de F. G. L. *et al.* Nursing theories in professional training and practice: perception of postgraduate nursing students. **Revista Rene**, [s. l.], v. 19, p. 1-8, 2018. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.15253/2175-6783.2018193363>. Acesso em: 12 jul. 2023.

NUNES, R. M. *et al.* Sistematização da assistência de enfermagem e os desafios para sua implantação na unidade de terapia intensiva: uma revisão de literatura. **Revista UNINGÁ**, Maringá, v. 56, n. 2, p. 80-93, jan./mar. 2019. Disponível em: <https://revista.uninga.br/uninga/article/view/2179/1903>. Acesso em: 8 jul. 2023.

ORDEM DOS ENFERMEIROS. **Ordem dos Enfermeiros Nacional**: anuário estatístico. [S. l.: s. n.], 2021. Disponível em: https://www.ordemenfermeiros.pt/arquivo/bu/2020_Anu%C3%A1rioEstatisticos.pdf. Acesso em: 10 ago. 2023.

PINTO, D. M.; OLIVEIRA, R. T. de; BARRETO, M. da S. Utilização da sistematização da assistência de enfermagem em serviço de emergência: vivência dos enfermeiros. **Revista Paranaense de Enfermagem**, [s. l.], v. 4, n. 1, p. 96-103, jan./dez. 2021.

RAMUKUMBA, M. M.; EL AMOURI, S. Nurses' perspectives of the nursing documentation audit process. **Health SA Gesondheid**, [s. l.], v. 24, p. 1-7, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.4102%2Fhsag.v24i0.1121>. Acesso em: 11 jul. 2023.

SANTOS, N. K. C. dos *et al.* Posicionamento dos enfermeiros sobre implementação do processo de enfermagem na prática clínica em terapia intensiva. **Revista Eletrônica Acervo Saúde**, [s. l.], v. 23, n. 3, p. 1-9, 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.25248/REAS.e11942.2023>. Acesso em: 10 jul. 2023.

SILVA, A. M. da. *et al.* Perceptions of nurses about the implementation of the nursing process in an intensive unit. **Revista Gaúcha de Enfermagem**, Porto Alegre, v. 42, p. 1-7, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1983-1447.2021.20200126>. Acesso em: 11 jul. 2023.

VIEIRA, G. C. *et al.* Satisfação profissional e qualidade de vida de enfermeiros de um hospital brasileiro. **Avances Enfermagem**, Bogotá, v. 39, n. 1, p. 52-62, abr. 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.15446/av.enferm.v39n1.85701>. Acesso em: 11 ago. 2023.

WORLD HEALTH ORGANIZATION. **State of the world's nursing 2020**: investing in education, jobs and leadership. Geneva: WHO, 2020. Disponível em: <https://www.who.int/publications/i/item/9789240003279>. Acesso em: 10 ago. 2023.